

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: ERA UMA VEZ... O WESTERN (PARTE I,
CONCLUSÃO)

3 e 5 de fevereiro de 2025

RIO CONCHOS / 1964

Um filme de Gordon Douglas

Realização: Gordon Douglas / *Argumento:* Joseph Landon, adaptação de um romance de Clair Huffaker / *Produção:* David Weisbart / *Montagem:* Joseph Silver / *Direção de Fotografia:* Joe MacDonald / *Música:* Jerry Goldsmith / *Som:* Alfred Bruzlin, Elmer Raguse, Harry Proodian / *Direção Artística:* William Creber, Jack Martin Smith / *Décors:* Lucien Hafley, Walter M. Scott / *Interpretações:* Richard Boone (Lassiter), Stuart Whitman (Capt. Haven), Tony Franciosa (Rodriguez), Wende Wagner (Sally), Warner Anderson (Col. Wagner), Jim Brown (Franklyn), Rodolfo Acosta (Bloodshirt), Barry Kelley (Croupier), Edmond O'Brien (Pardee) / *Cópia:* 35mm, cor, falado em inglês e castelhano, com legendas em castelhano e legendagem eletrónica em português / *Duração:* 107 minutos / *Estreia Mundial:* 1964, Reino Unido / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira passagem na Cinemateca.*

Stagecoach (1939), **Red River** (1948), **The Naked Spur** (1953), **Ride Lonesome** (1959) e **The Last Sunset** (1961). Se há denominadores comuns entre algumas das “pedras preciosas” do *western*, anteriores a este **Rio Conchos**, o tema da viagem surge entre os mais recorrentes. É no movimento mais ou menos epopeico de atravessamento de “montanhas e vales”, entre planícies desérticas ou vales verdejantes, que as personagens são postas em contacto com o território e se confrontam com – e se enfrentam perante – as ameaças que nele se escondem e se insinuem, ainda que, *hélas*, os principais perigos possam muito bem vir de dentro delas próprias (*from within*). Por norma, a ameaça visível provém de um grupo de renegados do exército confederado, de um “ganguê” de foras-da-lei ou, claro, pode ser corporizada pelo “grande outro” dos filmes do género: os povos índios. No caso de **Rio Conchos**, *western* já pós-clássico onde tudo se cozinha a altas temperaturas, o experiente “realizador série B” Gordon Douglas sobe a parada e concentra quase todos os condimentos da narrativa *westerniana*, ao convocar um sem número de tensões numa narrativa moralmente ambígua (e complexa) onde nunca é certo para que lado cada personagem vai zarpar ou disparar a seguir. Afinal, como identificamos os heróis e vilões aqui? Por que lutam, enfim, as nossas personagens, se não por um mundo sem guerras? Mas... não será paradoxal fazerem-no de maneira tão implacável e espetacularmente violenta?

Repegando num *plotline* semelhante ao de **The Comancheros** (1961) de Michael Curtiz e com John Wayne, bem como adaptando um romance de Clair Huffaker pela pena de Joseph Landon, Gordon infunde de um cinismo e de uma sujidade pré-*spaghetti* uma história sobre personagens colhidas pela História, quer dizer, apanhadas numa espécie de *carrefour* histórico. Todas – sem o saberem ao certo – buscam alguma forma de redenção. Não é exagerar na caracterização afirmar-se que há algo remanescente de Joseph Conrad – o de *Heart of Darkness* – mas também de Werner Herzog – ou das personagens interpretadas por Klaus Kinski em **Fitzcarraldo** (1982) ou em **Aguirre** (1972) – nesta travessia literalmente pelo deserto, ao encontro do ensandecido general rebelde interpretado por Edmond O'Brien. Anseia-se pela revelação do general de que toda a gente fala, aquele que pretende continuar a guerra e a causa confederada ao lado dos verdadeiros americanos daquele território, os índios, especificamente o povo apache. Os desejos de grandeza

do General Pardee são magnificamente representados pela mansão onde vive, que é só fachada, qual estúdio em construção para um filme realizado por um lunático. Ele é como que “o Coronel Kurtz” desta história: todos querem chegar até ele para evitar a perpetuação da barbárie, ainda que nos pareçam sempre fracas as intenções ou as convicções de quem integra esta missão. Há um ex-coronel do exército confederado, outrora ao serviço de Pardee, de nome Lassiter (Richard Boone), um homem violento que faz do tiro ao índio um desporto pessoal. Ele é um anti-herói que podia, de facto, pertencer ao filão de “bons, maus e vilões” dos *westerns spaghetti* de Sergio Leone ou Sergio Corbucci. Seguindo o movimento da viagem, que vai sempre de um ponto a outro, temos aqui um crápula em modo progressivamente “purificador”. Lassiter escolhe como *sidekick* um mexicano “pinga-amor” muito pouco fiável, interpretado por Tony Franciosa. Os dois estão sujeitos às ordens do Capitão Haven, auxiliado por Franklyn (Jim Brown), desdenhosamente descrito pelo racista Lassiter como “o preto de Haven”. Não é certo se Haven quer, de facto, parar os avanços de Pardee – e pôr fim “a todas as guerras entre os homens”, narrativa vendida a dado ponto para comover os corações de manteiga – ou somente busca a vingança pelo facto de ter sido uma das vítimas de um assalto ordenado pelo próprio Pardee. Junta-se ainda ao “wild bunch” a índia apache Sally (Wende Wagner), frágil rapariga que poderá ser útil aos homens brancos nesta viagem rumo à fronteira, para onde apaches, mexicanos e americanos transviados acorrem e se refugiam.

A complexidade da personagem Pardee reflete, em toda a linha, o intrincado estado das coisas da América (ontem como hoje?), pois tudo parece ganhar sentido só quando acedemos à pantomima ensandecida (na expressão alienada do rosto e na pose ridícula) da personagem de O’Brien, ator conhecido pela *persona* do editor do jornal *Shinbone Star* em **The Man Who Shot Liberty Valance** (1962) e que encarnara o protagonista envenenado do frenético e paranoico *noir* **D. O. A.** (1949). Aqui, O’Brien é o corpo-sintoma patético e humaníssimo onde ressalta uma verdade que, a cada instante, se autodestrói, mas que acaba por nos comover, no sentido em que aquele mesmo corpo parece saber exprimir como ninguém um certo estado geral das coisas; ele não é só Pardee, pois ele é justamente tão “wild” quanto o “wild wild west”.

Gordon Douglas costuma ser apelidado de “bom tarefeiro” da indústria, cineasta que saltita de género em género, sem grande dificuldade, tendo o seu nome adquirido algum relevo na história do cinema clássico americano graças aos sucessos populares da ficção científica **Them!** (1954) e de filmes-veículo subordinados à presença de algumas das estrelas mais cintilantes do seu tempo, tais como, desde logo, Frank Sinatra, mas também Carroll Baker e Sidney Poitier. Neste sentido, gostaria de destacar a direção de James Cagney num dos filmes mais brutais e politicamente selvagens da filmografia do ator: **Kiss Tomorrow Goodbye** (1950). Douglas cometeu ainda a ousadia de assinar o primeiro *remake* de **Stagecoach**, lançado em 1966, fita mal-amada mas que apresenta muito daquilo que **Rio Conchos** já antes pusera em evidência: um controlo quase total sobre uma dramaturgia estilhaçada por um conjunto de personagens. O facto de este ser o realizador do *remake* do clássico de Ford que relançou o interesse pelo *western* no período sonoro é significativo, mas para percebermos em pleno a razão dessa escolha importa ver e rever de perto, percorrer cada milha, tal como habitar cada personagem deste *western* c(l)ínico *on the road*.

Luís Mendonça